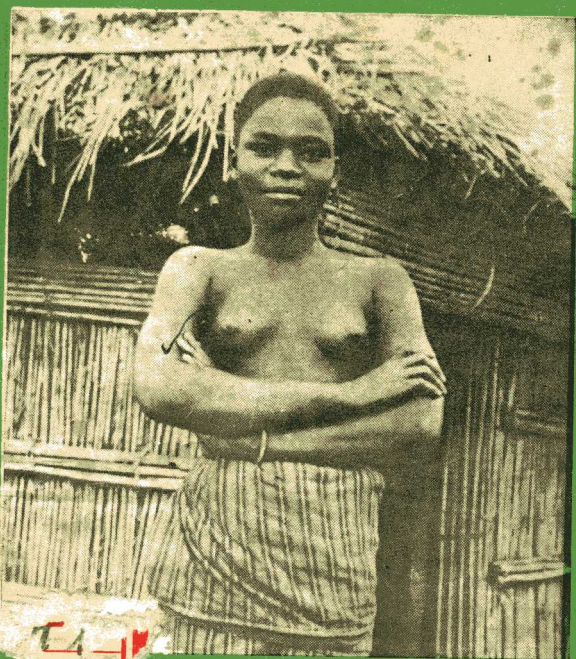


# cadernos coloniais



## MANICA E SOFALA

Por JULIÃO QUINTINHA

RODRIGUES  
ALVES

998.5

CADERNOS COLONIAIS

N.º 50

Julião Quintinha *Bibli.*

*141*

# MANICA E SOFALA



EDICÖES COSMOS

Rua das Gáveas, 115

L I S B O A

## NOTA PRELIMINAR

*Há cerca de doze anos passei pelo Território de Manica e Sofala, onde me demorei o tempo suficiente para poder ver alguma coisa, à superfície...*

*Durante semanas cruzei o Território em todas as direcções, desde as desertas praias de Mocoque até às montanhas do Chimoio e de Manica, atravessando as maravilhosas florestas de vegetação opulenta de Amatongas e as famosas zonas de caça da Gorongoza e Abecinta.*

*Vagueando pelo Índico, num pequeno barco à vela, de pescadores, visitei as povoações do litoral, Bartolomeu Dias, Mambone, Chiloane, Boror e Sofala, umas em evidente marcha progressiva, outras esboçando o seu anseio por melhores dias, todas elas tocadas pelo titânico esforço do colono português.*

*Dêsse roteiro não feneceram ainda lembranças e impressões, por vezes veladas de fascinação e mistério, como nas miragens noturnas dos areais do Arquipélago do Bazaruto, onde existem pérolas; outras vezes com laivos de*

*terror, como na visão macabra do ilheu de Inhaguaia, onde vivem os leprosos.*

*Nos campos do Buzi e da Zambêzia vi as enormes plantações de cana e as fábricas de açúcar onde se empregam milhares de homens. No planalto do Chimoio alegrei os olhos nessas brancas povoações, tão portuguesas, e nos formosos campos onde os nossos colonos se esforçaram para semear, em terras bravas, o trigo, o milho, diversos cereais e frutos, que hoje colhem às toneladas. E vi muitas outras culturas: o algodão, na Chemba; o sisal, na Chupanga, o tabaco em diversas regiões — tudo isto a documentar a educação do indigena, o apreciável trabalho do europeu, a valorização dum Território que, há cinqüenta anos, antes da administração da Companhia de Moçambique, estava totalmente abandonado, em perfeita decadência.*

*Ao longe, nas altas montanhas de Manica, lá estavam*

*as lentas explorações do ouro e da prata, a eterna sedução do homem branco... E por todo o Território, desde o movimento do pôrto e dos caminhos de ferro, às iniciativas particulares da agricultura, do comércio e indústria, sempre palpitante, a actividade do colono português, que se submete ao trabalho e afeiçoa à terra, estimando-a como se gosta de tudo que nos custa sacrificios, orgulhando-se dos seus progressos porque se sente no solo pátrio.*

*Tinham-me dito que no Território dominava a influência estrangeira. E à primeira vista colhe-se a impressão de que os estrangeiros comandam importantes sectores económicos. Mas, analisando bem, e sem paixões, logo notamos que, por toda a parte, quem triunfa, governa e dirige é a família portuguesa. São portugueses os grandes e pequenos funcionários, como são portugueses os comerciantes, agricultores e operários.*

*Decerto, tem importância a colônia estrangeira, nomea-*

damente a inglesa, que ali conta negócios e capitais. Ninguém o pode impedir, nem disso vem prejuizo, desde que na representação da Soberania está vivo e presente o espirito português. De resto, se os negócios não estão, em mais larga escala, nas mãos dos capitalistas portugueses, só há que culpar estes, sempre indecisos e pouco audaciosos nas empresas africanas.

Mas não oferece dúvida de que triunfa o espirito português. Um dos padrões desse triunfo é a cidade da Beira, porta marítima da Zambézia, da Rodésia, de Niassaland, onde se construiu um dos mais belos portos do Índico, donde partem comboios carregados de gente e mercadorias a caminho do vasto interior africano.

Num areal deserto, pantanoso, insalubre, em menos de meio século criou-se uma cidade magnífica e um dos maiores centros comerciais da África Oriental. Essa obra foi feita pela Companhia de Moçambique e pelos colonos portugueses.

*Se não é difficil apontar alguns êrros na administração da Companhia, também é fácil reconhecer a verdade: o valor da obra realizada.*

*O grande pomo de discordâncias que ali encontrei era a circunstância da Companhia de Moçambique exercer funções administrativas, que a tornavam um Estado dentro de outro Estado. E nesse ponto manifestava-se legitimamente a sensibilidade dos colonos portuguezes. Se essas funções se justificaram no inicio, e até foram bem úteis aos interesses de Portugal, hoje não se comprehendem.*

*Mas como está a expirar o praso da concessão, a Companhia vai deixar de exercer funções magestáticas, passando a limitar a sua acção ao campo económico. O rico Território será então integrado na administração geral da Colónia de Moçambique, que assim retomará a desejada unidade.*

*Desapareceu, há muito, a fortaleza de Sofala, como se*

*apagaram outras velhas tradições em Manica, Tete e Sena, que são lugares históricos. Mas a moderna cidade da Beira e a colonização agrícola do Chimoio são modernos padrões que compensam bem a Colónia por algumas perdidas reliquias do passado. Padrões valiosos, não só no seu aspecto material, mas sobretudo pelo significado moral que representam a educação do indígena e a florescência de sucessivas gerações de colonos portugueses que aqui enraizaram, constituindo segura garantia para os superiores interesses políticos de Portugal.*

*É um pouco da vida do Território de Manica e Sofala, que o leitor encontrará neste Caderno Colonial, escrito sem pretensões literárias, com a simplicidade das pequenas obras destinadas a divulgação.*

*Dezembro de 1938.*

JULIÃO QUINTINHA